



E ESSA LENDA, VAMOS RECONTAR? A LEITURA E A ESCRITA COMO ATOS PRAZEROSOS A PARTIR DA LENDA AMAZÔNICA DO BOTO¹

Louise Rodrigues Campos

Licenciada Plena em Pedagogia – Universidade do Estado do Pará

Rayane Suzane Almeida

Licenciada Plena em Pedagogia – Universidade do Estado do Pará

Resumo:

O presente artigo tem como objetivo apresentar o projeto intitulado: “E essa lenda, vamos recontar? A leitura e a escrita como atos prazerosos, a partir da lenda amazônica do Boto, experiência do estágio supervisionado, desenvolvido com uma turma do 4º ano do Ensino Fundamental da escola Municipal de Ensino Municipal Vera Simplício, região metropolitana de Belém, elaborado o projeto de intervenção pedagógica a fim de que os educandos recontassem a lenda do Boto à sua maneira, para isto foram utilizados diversos recursos como poema, exibição de vídeo e dinâmica, se apropriando em diferentes gêneros textuais e na linguagem verbal e não-verbal. As atividades de leitura e escrita foram importantes no sentido de propiciar aos educandos um ato prazeroso de dizer a sua palavra, para além do fim em si mesma. Como resultados observou-se nas produções escritas dos educandos expressão de seus próprios pontos de vista, olhando para si como leitores/autores.

Palavras-chave: Leitura. Escrita. Lenda Amazônica. Estágio supervisionado.

1. Introdução

O presente artigo tem como objetivo apresentar os resultados do projeto intitulado: “E essa lenda, vamos recontar? A leitura e a escrita como atos prazerosos, a partir da lenda amazônica do Boto”. Este projeto consiste em uma das etapas da disciplina Estágio Supervisionado em Ensino Fundamental, do curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, da Universidade do Estado do Pará-UEPA. O primeiro momento consistiu na formação teórico-metodológica em sala, após ocorreu a inserção no campo de estágio, o qual trata-se da Escola Estadual de Ensino Fundamental Vera Simplício, localizada na região metropolitana de Belém, visto que na escola há uma gama de saberes, opiniões e imaginários que ora divergem e ora coincidem, visto que:

O processo educacional deve estar voltado para atender às necessidades humanas, já que a finalidade primeira da educação é realizar o processo de humanização dos sujeitos [...] Nessa perspectiva, como os estágios se desenvolvem em espaços educativos, nos quais existe uma grande diversidade de pessoas, temos clareza de que ele se realiza por meio da relação entre pessoas, o que implica dizer que educadores e educandos são sujeitos, seres humanos em processo, os quais estabelecem relações entre si, com o meio em que vivem e com elas se autoconstroem, por isso, o momento do estágio é importante para estabelecer novas relações (SANTOS *et al.*, 2015, p. 58).

Vê-se portanto, a importância dessa experiência, no que tange à formação profissional do (a) pedagogo(a), que envolve, além do ensino, a prática da pesquisa. Durante a observação

¹ Projeto de intervenção realizado durante o estágio supervisionado em ensino fundamental.



participante no referido *locus*, foi possível ampliar o entendimento acerca da práxis educativa, na medida em que “o como fazer” foi desvelando-se na ação do “fazer”, pois:

Além de se identificar com o campo de estágio, o estagiário precisa compreender a importância e o significado do estágio na vida acadêmica e profissional, pois por meio da inserção no campo é possível redimensionar o espaço e o tempo para sua aprendizagem crítico-reflexiva na busca da relação entre a teoria e a prática e, principalmente, entre o pedagogo (supervisor de campo) e o futuro pedagogo (supervisionado) na construção da identidade profissional. (FERREIRA et al 2015, p. 201)

Essa vivência no estágio, desenvolvido com a turma do quarto ano na referida escola foi observado que a leitura e a escrita davam-se como processos apenas de transcrição, ao ponto que, mesmo os educandos que reconheciam as letras e as palavras em uma determinada atividade, não entendiam o significado de determinada palavra e isso implicava na não realização de atividades e desinteresse dos educandos quanto à leitura e escrita, como observado nas falas de dois deles: “a gente só vem pra escola pra escrever, aí eu não entendo o que tá lá no quadro. Só copio e pronto!” (Educanda 1); “tia, não gosto de ler porque nunca entendo nada!” (Educando 2). Desse modo, identificou-se a seguinte problemática: como as práticas pedagógicas podem contribuir para o desenvolvimento da leitura e da escrita de forma prazerosa?

2. Caracterização Metodológica

No caso, o grupo com o qual realizou-se a observação participante foi a turma do 4º ano do ensino fundamental, da escola estadual Vera Simplício e a questão que norteou a construção e desenvolvimento do projeto de intervenção com essa turma, foi a observação dos processos de leitura e escrita. Por esse motivo, a metodologia desse projeto foi construída a partir dos seguintes momentos: 1) Leitura de poema; 2) Exibição do vídeo; 3) Recontação da lenda; 4) Dinâmica no chapéu do boto, a fim de propiciar o contato prazeroso entre os educandos e educandas com a leitura e a escrita.

3. Um convite à lenda amazônica do Boto: Resultados e discussão

Nesse clima de curiosidade, a partir das estrofes do poema “O Boto cor de rosa” do autor José Pereira dos Santos, foi desvelando-se o tema da aula. Foram entregues seis envelopes numerados para seis educandos, com as estrofes do referido poema. Desse modo, ao passo que cada aluno(a) realizou a leitura em voz alta para a turma, esta foi tentando desvendar o tema da aula. Na quarta estrofe do poema, três educandos disseram já saber sobre o que se tratava a aula: “É sobre a lenda do Boto tia!” (Educanda 3). Em seguida, os seis educandos com os envelopes organizaram-se conforme a numeração e leram o poema novamente.



A compreensão dos educandos acerca do que estavam lendo, como também pelo contato com outros gêneros textuais, visto que a turma, geralmente, não realiza leituras com poemas, pois conforme suas inúmeras características, também situam-se no contexto de uma determinada prática social:

O ensino dos diversos gêneros textuais que circulam socialmente não só amplia sobremaneira a competência linguística e discursiva dos alunos, mas também aponta-lhes as inúmeras formas de participação social que eles, como cidadãos, podem ter fazendo uso da língua (PORTO, 2009, p. 38).

Além do poema, houve também a exibição do vídeo “O Boto - Catalendas”, que consistiu no segundo momento da aula. Acerca desse vídeo foi realizada como técnica de ensino, uma roda de conversa, que teve como intuito saber o entendimento da turma a respeito da lenda assistida, ou seja, dialogar sobre as percepções dos educandos e possíveis questões surgidas com a exibição do vídeo.

Os educandos destacaram a questão das várias versões que uma mesma lenda pode apresentar, como por exemplo, o personagem principal, o Boto, que segundo alguns educandos é um ser que salva as pessoas que estão em risco de morrerem afogadas. Outros tinham outras versões, conforme explicitadas em suas falas: “minha mãe me contou que o boto afogava as pessoas” (Educando 4); “o boto matava a menina” (Educando 5).

A partir das várias versões que os educandos contaram foi explicado o conceito de lenda, que por meio da oralidade, acaba assumindo várias versões; dependendo do tempo histórico; do local; da intenção de quem está contando.

4. Recontando a lenda do Boto: o encanto de ser leitor/autor

No terceiro momento da prática ocorreu a atividade de recontação da lenda do Boto. Foi proposto aos educandos que recontassem a lenda, podendo recriar seu desfecho, bem como os cenários ou características dos personagens. Para isso, foram entregues folhas A4, contendo a seguinte orientação: Como você recontaria a lenda do Boto cor-de-Rosa? Desenhe e escreva do seu jeito, a forma como você contaria a lenda. Desse modo, foi explicado aos educandos passos importantes para essa atividade, sendo que essa explicação foi construída junto com os educandos, pois à medida que as educadoras foram escrevendo cada passo no quadro, os educandos foram identificando esses passos na lenda assistida. Após esse momento de diálogo sobre as características da lenda assistida, os educandos criaram suas próprias versões.

Ressalta-se a importância desta produção dos próprios educandos como estímulo as suas criticidade, e que participem dos processos de leitura e escrita, de forma ativa, pois:



É relevante frisar que, além da percepção de mundo dos(as) alfabetizados(as) exposta a partir de suas leituras de mundo, dessas codificações, a narrativa oral assume uma importância imprescindível nesse processo de decodificação, para o desenvolvimento da construção da escrita e da leitura da palavra, pois se transforma em autênticos textos orais e escritos (CALDAS et al, 2004, p. 69).

É de se destacar que alguns educandos optaram por não modificar a lenda do boto e apenas recontar em sua íntegra, ora o desfecho final, ora a sua história toda, como assim expostos em alguns trechos de algumas produções textuais espontâneas: “[...] aí eles eles dois foram para casa e ela ficou muito triste por causa do boto e ela ficou na beira do rio e ele foi de barco e ela pulou do barco e ela se afogou é o boto resgatou a menina [sic]” (Educanda 7);

É importante que os educandos escrevam do seu modo, aprendendo a escrever, ousando escrever, visto que:

Aprender a escrever não é um processo de etapas sucessivas, em que, numa primeira etapa, instrumentaliza-se o aprendiz (para que se aproprie do sistema de escrita), e só numa segunda etapa se possa desenvolver o uso efetivo da escrita (SOARES, 2001, p. 57).

Em uma produção a educanda frisou que aquela lenda era da Amazônia, pertencente àquela população assim se identificando com o próprio lugar.

“No dia da festa, junina a moça não tinha, pá o boto ouviu a música e foi disfarçado, todo de branco e falou que era dali da Amazônia e pediu que ela fosse olhar o rio ele encantou, ela lá, mesmo no dia seguinte ela apareceu toda descabelada e triste seu pai falou vamos se mudar pra ela voltar como era antes e ela esqueceu isso, e então caso, com outro rapas, da cidade [sic]” (Educanda 8)

Desse modo, abordar este gênero no contexto da cultura amazônica tem sua importância por simbolizar situações sociais das populações amazônicas, visto que:

As lendas e mitos amazônicos estão codificados em torno de um espaço e tempo específicos, expressando necessidades humanas e sociais de uma população que tem nas águas dos seus rios e na mata densa os seus referenciais simbólicos. Elementos naturais plenos de significados culturais, e que orientam a vida da população da Amazônia (OLIVEIRA; MOTA NETO, 2015, p. 24).

Acreditamos ser importante aos educandos compreenderem o texto como algo mutável, possível de se dialogar, sendo este um dos motivos de optarmos pelo gênero textual lenda, a qual vai modificando-se por meio do imaginário popular, adquirindo várias versões. Como explicitado nas versões dos educandos a seguir.

“Era uma vez um boto ela morada no fundo do rio quanto ele escutava música saiu do fundo do rio ela viu a moça mais bonita e pediu para dançar ela aceitou dançar a noite toda o boto foi namorar na beira do rio com ela o boto chamou é a moça chorou muito [sic]” (Educanda 9)

“[...] eles foram passear na beira do rio aí ela dormiu e o boto foi embora ela acordou e foi pra casa ela ficou tão triste e os pais foram embora da cidade do Marajó ela esqueceu do Boto ela casou teve filhos ela vive feliz [sic]” (Educanda 10)



Produzir texto é movimento, por isso optamos pela recontação da lenda, para que os educandos, ao repensá-la e reescrevê-la de outra forma (modificando personagens, cenários) possam vivenciar cada história, como autores, expressando sua habilidade criativa.

Essa atividade portanto, demonstra sua relevância na afirmações dos próprios educandos, que puderam ir além da compreensão da lenda, desenvolver suas habilidades, como a imaginação. O ato de recontar e recriar o desfecho, participando da aula como leitor/autor é essencial pois propicia aos educandos o desenvolvimento crítico, haja vista que constituem-se enquanto sujeitos históricos, culturais, políticos, que possuem seus conhecimentos e por isso a importância de estimular uma leitura para além de um fim em si mesma.

5. No chapéu do Boto: a leitura e a escrita como atos prazerosos

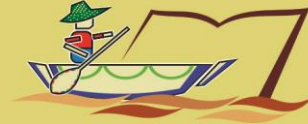
Acompanhando a música “Boto namorador” da intérprete D. Onete (Ionete Gama), os educandos foram passando o chapéu e, em cada momento que a música parou, o educando que estava segurando o chapéu, leu uma curiosidade para a turma. O intuito dessa atividade foi proporcionar aos educandos conhecimentos em outras áreas, como matemática e biologia, a partir da lenda.

Desse modo, cada educando pôde mostrar seus conhecimentos, aspecto esse que é essencial em uma proposta interdisciplinar, visto que “na interdisciplinaridade escolar as noções, finalidades habilidades e técnicas visam favorecer, sobretudo, o processo de aprendizagem respeitando os saberes dos alunos e sua integração” (FAZENDA, 2015, p. 12).

Referente à curiosidade sobre os perigos à vida dos Botos-cor-de-rosa, mencionou-se a construção de hidrelétricas. Os educandos problematizaram sobre o porquê das hidrelétricas nos rios também representarem risco à vida dos Botos: “Porque é construída bem dentro da casa dele e aí vai ter que procurar outro lugar pra viver (Educando 3)”. Além disso, os educandos foram familiarizando-se com termos do campo biológico, como o habitat (sobre o lugar em que o Boto mora); como o rio Amazonas (o segundo rio mais extenso da terra). No diz respeito à avaliação do projeto, esta decorreu das produções escritas dos educandos e da observação do desenvolvimento da aula, como a interação deles em cada momento, principalmente nos momentos de leitura.

6. Considerações Finais

Em face do presente relato, considera-se a relevância do projeto, ao propiciar o contato dos educandos e educandas com a leitura e a escrita de forma autônoma, e principalmente, a realização do projeto, evidenciar a possibilidade de propostas diferenciadas (leitura, escrita,



oralidade). Como resultados observou-se nas produções escritas dos educandos expressão de seus próprios ponto de vista, olhando para si como leitores/autores; e a participação dos educandos compreendendo as leituras e produzindo textos, realizadas de forma significativa, compartilhando seus conhecimentos prévios e curiosidades. O projeto portanto, por meio de sua caracterização metodológica e aporte teórico, realizou-se de forma sensível aos objetivos lançados, no que tange à leitura e a escrita como atos prazerosos, com os educandos e educadoras compartilhando suas percepções de mundo, acerca de cada linha lida e escrita.

Referências

CALDAS, Denise Cristina et al. Entre contextos e textos: tecendo a leitura e a escrita da palavra como ato político-educativo. In: OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de (Org.). **Caderno de Atividades Pedagógicas em Educação Popular**. Belém: UEPA, 2004.

CATALENDAS. O boto. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=qKetMvHLTCA> >. Acesso em: 25 de maio de 2017.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. **Interdisciplinaridade**. Revista Interdisciplinaridade, Educação, Currículo. v 1. n 6. São Paulo: PUC, 2015.

FERREIRA, Diana Lemes et al. Pedagogos em espaços não escolares: construindo possibilidades de atuação. In: ALBUQUERQUE, Jacirene de. (Orgs.) et al. **O estágio na formação do pedagogo: reflexões e vivências**. Belém: EDUEPA, 2015.

OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de; MOTA NETO, João Colares. Saberes culturais em práticas de educação popular na Amazônia paraense: contribuições para uma epistemologia do Sul. In: SANTOS, Tânia Regina Lobato dos (Org.). **Caderno de Atividades Pedagógicas em Educação Popular**. Belém: UEPA, 2015.

PORTO, Márcia. **Um diálogo entre os gêneros textuais**. Curitiba: Aymará, 2009.

SOARES, Magda Becker. Aprender a escrever, ensinar a escrever. In: ZACCUR, Edwiges (Org.). **A magia da linguagem**. 2 ed. Rio de Janeiro: DP&A: SEPE, 2001.

SANTOS, Creusa Barbosa et al. Estágio supervisionado e formação de professores: trajetórias avanços e desafios do curso de pedagogia da universidade do estado do Pará. In: ALBUQUERQUE, Jacirene de. (Orgs.) et al. **O estágio na formação do pedagogo: reflexões e vivências**. Belém: EDUEPA, 2015.